

DEBORAH CASAES GOMES

As Chefes de Domicílios: viuvez, economia e condição
feminina em Mariana no século XIX

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

DEBORAH CASAES GOMES

As Chefes de Domicílios: viuvez, economia e condição
feminina em Mariana no século XIX

Monografia apresentada
ao curso de História da
Universidade Federal de
Ouro Preto como parte
dos requisitos para a
obtenção do grau de
Bacharel em História.
Orientador: Prof. Dr.
Renato Pinto Venâncio

DEPARTAMENTO DE HISTORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

RESUMO

Nosso trabalho, que se insere na área de demografia e economia histórica, busca analisar a estrutura familiar, em Mariana, Antônio Pereira e Catas Altas, destacando a presença de domicílios chefiados por mulheres viúvas e sua atuação na economia e na sociedade da primeira metade do século (1819-1822). A atividade econômica feminina era ainda mais eminente, a nosso ver, quando ela se encontrava viúva, pois possuía certa "autonomia social" frente ao patriarcalismo, não se restringindo apenas às funções domésticas.

Para tanto, utilizaremos as listas nominativas como fonte principal e, como recurso complementar, utilizaremos os inventários *post-mortem* das viúvas e de seus cônjuges com o intuito de verificar o grau de riqueza, por elas acumulado, após a morte do marido, até a própria morte.

Abstract

Our work which belongs to the field of historical demography, tries to analyze the family structure in Mariana. Antônio Pereira and Catas Altas, and economy, highlighting the presence of households led by widows and their roll in the economy and society during the first half of the nineteenth century (1819-1822). In our opinion, women participation was even more eminent as widows because they had more social autonomy in the patriarchal society. They did much more than housework.

The family structure was analyzed through information obtained incensus (our main source) and in secondary sources such as *postmortem* inventories of the widows and their husband to check the amount of accumulated wealth after the death of their husband until their own death.

We also used wills to verify the amount of women that were single married and widow.

SUMÁRIO

Tabelas	6
Agradecimentos	7
Introdução	8
Capítulo 1- Os domicílios chefiados por mulheres segundo a historiografia	13
Capítulo 2- Características econômicas da população mineira em 1819	19
Capítulo 3- Estrutura dos domicílios das viúvas	25
Capítulo 4- A riqueza legada no leito de morte	38
Conclusão	43
Anexo 1	45
Anexo 2	48
Fontes e referências bibliográficas	52

Tabelas

Tabela 1-Distribuição de mulheres chefes de domicílios no meio urbano por estado conjugal, (p.27.)

Tabela 2- Distribuição das mulheres chefes de domicílios no meio rural por estado conjugal, (p.27)

Tabela 3- Distribuição das mulheres chefes de domicílios no meio urbano segundo o *status étnicos*.(p.28)

Tabela 4- Distribuição das mulheres chefes de domicílios no meio rural segundo o *status étnicos*, (p.29)

Tabela 5- Distribuição das viúvas segundo as faixa etárias e as localidades urbanas, (p. 30)

Tabela 6- Distribuição das viúvas chefes de domicílios segundo as faixas etárias e as localidades rurais, (p.31)

Tabela 7- Distribuição das mulheres chefes de domicílios segundo o estado conjugal e as localidades urbanas,(p.32)

Tabela 8- Distribuição das mulheres chefes de domicílios segundo o estado conjugal e as localidades urbanas, (p.33)

Tabela 9- Distribuição dos escravos por fogos de mulheres chefes de domicílios segundo o estado e as localidades urbanas, (p.34)

Tabela 10- Distribuição dos escravos por fogos de mulheres chefes de domicílios segundo o estado conjugal e as localidades rurais, (p.35)

Tabela 11- Distribuição dos agregados por fogos de mulheres chefes de domicílios segundo o estado conjugal e as localidades urbanas, (p.36)

Tabela 12- Distribuição dos agregados por fogos de mulheres chefes de domicílios segundo o estado conjugal e as localidades rurais, (p.37)

Tabela 13- Valor do monte-mor nos inventários *post-mortem*. (p.38)

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus agradecimentos a todos aqueles que colaboraram para que esta pesquisa se realizasse.

Aos meus pais, Lélío e Júlia, que me apoiaram e incentivaram a prosseguir na História.

Às minhas irmãs Juliana e Denise pelo carinho e compreensão que sempre tiveram comigo, ao meu cunhado Giovanni e ao meu pequeno sobrinho Luís, que participou apenas na reta final desta pesquisa.

A Camila, minha "grande" amiga que teve participação imprescindível, assim como os amigos, Heloísa, Dany, Jack e Moacir.

Às minhas amigas de república, que participaram de todo este trabalho voluntária ou involuntariamente; Karla, Mara e Alessandra.

A Cíntia, à Gabi, ao Tiago Mendes e ao Enio.

À Heloísa Maria Teixeira pela ajuda e atenção.

À querida professora Edna pelo carinho e colaboração durante a minha graduação.

Aos funcionários da Casa Setecentista pela colaboração e atenção.

Ao meu orientador Renato Pinto Venâncio, que me incentivou a seguir o caminho da pesquisa.

Enfim, agradeço a Deus por ter colocado todas essas pessoas no meu caminho e tantas outras que, de uma forma ou de outra, também colaboraram para que este trabalho fosse finalizado.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho busca estudar a estrutura familiar mineira, destacando a presença de domicílios chefiados por mulheres viúvas, observando a atuação feminina na economia e na sociedade da primeira metade do século XIX (1819-1822). Em uma sociedade patriarcal, onde a situação econômica encontrava-se concentrada, em grande parte, nas mãos masculinas, buscaremos observar a participação feminina na economia de Minas Gerais.

Estudaremos o período de 1819-1822. Esse recorte temporal se justifica devido aos seguintes motivos: como a economia no século XIX, na região de Mariana, antiga região mineradora situada na Metalúrgica-Mantiqueira, era baseada na escravidão, o período de 1819-1822 se mostra fecundo à nossa abordagem, pois em fins do século XVIII, o tráfico de escravos encontrava-se retraído. Na primeira metade do século XIX, temos o crescimento das importações de escravos para Minas Gerais, e, como consequência, registra-se um grande aumento da população cativa, ou seja, a população escrava mais que dobrou o seu número¹. Este crescimento no número de escravos, de 1819 até 1831, foi significativo para o termo de Mariana, no entanto, dado ao grande volume de fontes disponíveis para esse período, optamos por trabalhar com um recorte menor, 1819-1822.

Esta localidade mineira possuía uma grande representatividade na economia do país, como afirma Martins². Sabemos que uma das formas de analisarmos os traços de riqueza nos períodos Colonial e Imperial é através do número de escravos existentes nos

¹ MARTINS, 1982. P.2

² MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982. P.2.

domicílios. Este fator somado às fontes que trabalharemos (*Lista Nominativas e Inventários*) nos condicionou a elegermos Mariana, no mencionado recorte temporal, para efetuarmos este estudo.

As listas nominativas que utilizamos são: Mariana (1819), Antônio Pereira (1819) e Catas Altas (1822), localizadas no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana. Separamos estas localidades em urbano: Mariana "*...primeira vila criada em Minas Gerais, como foi também a primeira capital, a primeira cidade e sede do primeiro bispo*"³ e Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas:

"...a povoação fica na maior parte ao comprido, e se alonga pela estrada, vício geral de quase todos os arraiais de Minas, que foram todos formados sem gosto, e como para pouco tempo, a beira dos rios que davam ouro ou pela estrada, ao comprido, a maneira de feira".⁴

e rural: Antônio Pereira, que era um pequeno arraial dependente em quase tudo de Mariana, como observa Pohl:

"no final do primeiro quartel do oitocentos, a povoação se compunha de mais ou menos cinquenta casas- ou meia dúzia de casas pequenas e mal construídas...não se via nos arredores nem plantações e nem gado. O mais que os habitantes do arraial precisavam, par se abastecerem, era trazido de Mariana por "tropeiros". A maior parte dos seus moradores, conforme o entendimento de Saint-Hilaire, era de "gente do cor" e vivia na pobreza e sem escravos, da lavagem de ouro".⁵

Brumadinho e Mono da Água Quente (estas duas últimas localidades estão fora do arraial de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas) também estão sendo consideradas como rural.

Em Mariana encontramos 333 fogos e 2082 habitantes; Nossa Senhora de Catas Altas possui 222 fogos e 656 habitantes; Brumadinho tem 60 fogos e 771 habitantes; Morro

³BARBOSA: 1985,p.276.

⁴Idem:p. 121.

⁵ POHL, Johann E.: 1970, p. 400, citado por ANDRADE: 1994, p. 43-44.

de Água Quente 93 fogos e 401 habitantes e em Antônio Pereira 138 fogos e 1013 habitantes. Nestas listas, para as localidades de Mariana e Antônio Pereira não encontramos a variável Condição a descrição de quem era livre. Esta informação aparece somente para os escravos. No entanto, classificamos as pessoas que não eram escravas como sendo livres, podendo estar entre essas os forros.

Outra fonte que trabalhamos foi a dos inventários *post-mortem* para, a partir destes documentos, fazermos uma comparação da riqueza herdada no momento da morte do marido, com alegada pelas viúvas no seu leito de morte. Encontramos 39 inventários femininos, sendo 22 de mulheres casadas, 5 de solteiras e 8 de viúvas, e outros 4 inventários que tivemos que desconsiderar porque 2 deles eram de viúvas mas estavam com data diferente da do catálogo e outros 2 porque não havia informação sobre o estado conjugal das mulheres.

Devemos ressaltar que estas mulheres, presente nos inventários, não são as mesmas que estão nas listas nominativas. Entre as viúvas, buscamos o nome de seus respectivos cônjuges e, em seguida, procuramos os inventários deles para que fosse feita uma comparação se a riqueza das suas mulheres haviam aumentado ou diminuído no intervalo, entre a data do inventário do marido falecido e a data do inventário da sua viúva. Foi possível analisar 8 inventários, sendo 4 de maridos e 4 de suas viúvas, ou seja, de 4 casais.

De acordo com a historiografia, percebemos que haviam vários tipos de "Domicílios" que não eram somente nucleares, compostos por pais, mães e filhos. Nossa pesquisa visa estudar exatamente aqueles domicílios onde o papel central se encontra nas mãos femininas, em especial as viúvas, demonstrando, assim, a existência de uma estrutura matrifocal. Iremos verificar se havia maior incidência dos domicílios chefiados por mulheres no meio rural ou urbano. Destes, analisaremos aqueles onde temos a presença das mulheres viúvas, especificamente procurando saber qual foi a riqueza acumulada por estas mulheres.

No primeiro capítulo, faremos uma exposição historiográfica baseada nos autores que estudam a composição e a estrutura dos domicílios, como Donald Ramos, Eni de Mesquita Samara, José Luiz de Freitas e Dora Isabel Paiva da Costa, bem como faremos uma conceituação dos termos "família" e "domicílio", através dos dicionários Bluteau e Moraes.

No segundo capítulo, trataremos de contextualizar a economia no período por nós trabalhado, a partir de autores como Roberto B. Martins, Robert W. Slenes, Francisco V Luna, Wilson Cano, Iraci del Nero da Costa, Francisco Eduardo Andrade, Carla Maria de Carvalho Almeida, e destacaremos a importância dos escravos para a economia mineira do século XIX.

No terceiro capítulo, iremos apresentar a tipologia dos domicílios das viúvas e tabelas onde analisaremos as informações contidas nas listas nominativas, para demonstrarmos qual a representatividade das viúvas em relação às mulheres chefes de domicílios (sua idade, etnia, ocupação e presença de escravos e agregados em seus domicílios).

No quarto capítulo, analisamos a riqueza das viúvas, a partir dos inventários comparando-os com o de seus maridos. Os inventários não eram um meio utilizado por todas as pessoas, ou seja "eram feitos para os que tiveram algo a deixar, e abertos pela família ou na fala desta, pelo juiz de órfãos, quando havia filhos menores"⁶. Devemos lembrar que nossa análise se restringe a 8 inventários, o que nos propicia uma pequena amostragem da realidade destas viúvas no século XIX. Cabe lembrar que os inventários

post-mortem "são uma fonte que permite a observação de um momento da vida material de determinadas pessoas, como uma fotografia"⁷. Observaremos o momento próximo da morte da viúva e do seu cônjuge através dos valores do monte-rnor. Assim, optamos pela apresentação dos dados por casais (cônjuge masculino falecido e sua respectiva viúva).

⁶ FARIA: 1998, p. 225.

⁷ Idem, p. 227.

Capítulo 1- Os Domicílios chefiados por mulheres na historiografia

A historiografia tradicional considera a mulher, na sociedade no século XIX, como sendo submissa ao homem, como fez Gilberto Freyre⁸ :

"O isolamento árabe em que viviam as mitigas sinha-donas, principalmente nas casas-grandes do marido de engenho...sua submissão mulcumana diante do marido, a quem se dirigia sempre com medo, tratando os de Senhor(...)"

Ao nosso ver a atuação da mulher não era somente de submissão ao homem, ela não desempenhava unicamente funções domésticas, não tendo, desta forma, apenas um papel secundário no âmbito familiar. Para o nosso estudo utilizamos vários autores, mas alguns se tomaram indispensáveis para que a nossa pesquisa se desenvolvesse a partir das conclusões por eles obtidas, dentre estes Donald Ramos, Eni Samara, Dora Isabel Paiva Costa.

Donald Ramos⁹, em seu estudo sobre Vila Rica (1754-1838), faz um análise sobre a representatividade dos domicílios chefiados por mulheres, concluindo que a emigração e o pequeno número de casamentos contribuíram para a alta representatividade feminina. Este autor deixa evidente que as mulheres solteiras tiveram uma grande representatividade na sociedade "vilariquenha" e que os seus domicílios eram menores do que aqueles domicílios em que as mulheres são ou foram casadas. Ao analisar a estrutura familiar de Vila Rica, Ramos comprovou que as mulheres solteiras tinham menos filhos do que as outras mulheres que eram ou haviam sido casadas¹⁰:

"Em 1804, as mães solteiras tinham menos filhos e viviam em fogos menores do que suas irmãs casadas - isto, urna indicação de classe sócio-econômica mais baixa, indiferente ao fato de que ela espelha a estrutura racial/social aí geral da população feminina livre. "

⁸ FREYRE: 2001, p. 3 393.

⁹RAMOS: 1989.

¹⁰RAMOS: 1989, p. 159.

No que se refere ao tamanho dos domicílios chefiados por mulheres, Ramos constatou que os fogos de mulheres solteiras eram menores que o das casadas e viúvas, mesmo sendo as solteiras quem mais chefiavam fogos dentre as mulheres. O mesmo acontece quanto ao número de escravos nos domicílios, ou seja, havia um menor número de escravos nos domicílios de mulheres solteiras que das casadas e viúvas. Estes dados, que o autor apresenta, são de grande valia para nosso estudo.

Dora Isabel Paiva da Costa¹¹ trabalha com Campinas no ano de 1829, região agrária e escravista. A autora observa o incremento do número de fogos chefiados por mulheres, analisando conjuntamente quais eram as suas etnias e suas estruturas familiares, fazendo uma divisão entre mulheres casadas mas com o marido ausente, solteiras e viúvas. A historiadora concluiu que, para Campinas, as viúvas compunham a maioria dos domicílios, representavam um total de 59% destes; em seguida vinham as solteiras com 30% e aquelas com marido ausente possuíam uma representatividade de 11%.

Eni de Mesquita Samara¹², em sua pesquisa, analisa a estrutura familiar existente em São Paulo, em 1836, procurando reconstruir a estrutura familiar com base na organização do domicílio. A autora rebate a tese do predomínio da família patriarcal como sendo somente uma família de caráter extenso. Em São Paulo predominava a família nuclear, porém com uma estrutura mais simplificada e com diferentes formas de organização. Segundo a autora, com a morte do marido, a mulher que permanecesse viúva e honrasse a memória do mesmo se conservaria como tutora dos bens deixados pelo falecido cônjuge.

¹¹ COSTA, DORA: 1998, p.1156.

¹²SAMARA: 1983,1986.

Assim, para descrever melhor a estrutura familiar da cidade de São Paulo, a autora elabora uma tipologia dos domicílios (Quadro 1), chegando à conclusão de que predominava a estrutura simplificada, ou seja, aquela com um menor número de integrantes; sendo o número médio de 1 a 4 pessoas por domicílios.

Quadro 1

Tipologia de domicílio proposta por SAMARA para os domicílios paulistas oitocentistas
Estrutura das famílias e domicílios: categorias e classes

Categorias	Classe
1. Singulares	1. Indivíduo só
2. Desconexas	2a. Indivíduo com escravos, agregados e outros ou composições várias com esses elementos 2b. Casal (idem) 2c. Fogos com chefe definido mas ausente (idem)
3. Nucleares	3a. Casal 3b. Casal com filhos e netos ou composições várias com esses elementos 3c. Indivíduo (idem)
4. Extensas	4. Idem 3a, 3b e 3c mais parentes
5. Aumentadas	5a. Indivíduo (com filhos, netos ou parentes) mais agregados, escravos e outros ou composições várias com esses elementos, desde que incluíssem parte das primeiras categorias e uma ou mais das últimas 5b. Casal (Idem)
6. Fraternas	6a. Domicílios sem chefe com vários elementos parentes ou não 6b. idem mais escravos e agregados ou qualquer uma dessas categorias

Fonte: SAMARA (1989), citado por ANDRADE,.;2001,p.19.

A partir da tipologia elaborada pela autora acima citada, classificamos os domicílios das chefes viúvas nas localidades por nós trabalhadas, com o intuito de comparar o meio rural e urbano. Os resultados serão discutidos no capítulo 3.

José Luiz de Freitas¹³, em seu estudo analisando as relações existentes entre as estruturas fundiárias e domiciliares de Jundiaí no século XIX, rebate, assim como Samara, a tese da família patriarcal extensa como sendo válida para toda a sociedade brasileira. Observando que em Jundiaí ocorre uma diferença estrutural dos domicílios urbanos para os rurais, tendo, no meio rural, um pequeno número de domicílios onde os chefes se encontravam sozinhos e um pequeno número também de mulheres chefes de domicílios. Em outras palavras, a quase totalidade destes domicílios era chefiada por viúvas possuindo uma estrutura mais simplificada. Ao fato de terem ocorrido poucas mulheres solteiras chefiando domicílio no meio rural, Freitas levanta a hipótese e que elas pudessem estar agregadas em domicílios chefiados por parentes ou estarem se deslocando para o meio urbano. Não ocorre uma diferença fundamental do meio rural para o urbano, em relação à organização estrutural dos domicílios, segundo Freitas¹⁴.

Os estudos de Samara e Freitas possibilitaram o melhor conhecimento das estruturas e composições dos domicílios de São Paulo e Jundiaí no século XIX, principalmente no que se refere a contestar a predominância da família extensa defendida por Freyre, ao menos nessas localidades.

Em nossa pesquisa, estudamos os domicílios chefiados por viúvas, especificamente, com objetivo de dar contribuição para melhor entendimento da organização dos mesmos no que se refere tanto a sua estrutura quanto a sua composição no meio rural (Antônio Pereira, Morro da Água Quente e Brumadinho) e urbano (Mariana e Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas do Mato Dentro). Dessa forma observaremos se as conclusões de Samara e Freitas se aplicam ao domicílio das viúvas por nós estudadas.

¹³ FREITAS: 1986.

¹⁴Idem,p.213.

Tendo em vista a importância da família na organização da sociedade e da economia, é fundamental importância o entendimento do conceito de família e domicílio para que não ocorra anacronismo. No dicionário Português Bluteau¹⁵, o termo família e domicílio possuem as seguintes definições: família *"as pessoas de que se compõem huma casa, pays, filhos e domésticos"*; domicílio: *" por esa palavra entendem os jurisconsultos não só a casa que se assiste, de passagem, mas a que se escolheo para vivenda própria, e fixa, quando menor pelio espaço de ano inteiro"*. No dicionário Moraes Silva¹⁶ encontramos o seguinte significado de família: *"as pessoas, de que se compõem a casa, o mais propriamente as subordinadas ao chefe, ou pais de familiares."* Domicílio, para Moraes é: *"casa de habitação com a família do habitador, morada como animo de preservar. Habitação. A família do habitador, seus gados. Assento, lugar de vivenda ordinária"*.¹⁷

Neste estudo iremos adotar o termo "família" como sendo equivalente ao de domicílio, assim como faz Freitas:

"definimos domicilio como o conjunto de pessoas residentes em uma mesma propriedade, ligadas a um indivíduo, o chefe domicilio, que detém o controle dos recursos dos quais todos dependem para sobrevivência. Nas sociedades tradicionais, como era a brasileira na época por nós estudada, o domicílio era mio só o local de moradia., com. também o de trabalho. Nesta ática, o domicílio é uma unidade de produção, A nossa noção de domicilio coincide, assim, com a de fogo presente nos recenseamentos do final do período colonial e início da era nacional da história brasileira ".¹⁸ :

A sociedade do século XIX é caracterizada como sendo patriarcal. Porém, havia outras formas de domicílios, especialmente os da elite, que não podiam ser caracterizados como tais, pois eram "chefiados" por mulheres. A partir dos dados por nós encontrados discutiremos qual foi a atuação da mulher enquanto sujeito ativo na construção da história

¹⁵ BLUTEAU: 1712.P.284.

¹⁶ MORAIS SILVA: 1922, P.9.

¹⁷ Idem:1922,p. 637.

¹⁸ FREITAS. In: COSTA, Iraci del Nero: 1986. P.206.

mineira, e como fonte para isso, estudamos a condição das viúvas, "*mulher cujo o marido e falecido. O casar com viúva e uma espécie de bigamia, odioso no Direito Canônico.*"¹⁹

Visando testar a hipótese de que a viúva teve um papel representativo na economia e na sociedade deste período, observaremos o número de escravos presentes nestes domicílios através das listas nominativas, visto que a posse do escravo era um dos indicativos de riqueza. Estes dados serão melhor explorados no capítulo 3, quando apresentaremos os resultados de nossa pesquisa.

¹⁹BLUTEAU: 1712, P. 540

Capítulo 2- Características econômicas da população mineira em 1819

Em uma sociedade escravista, como era Minas Gerais no século XIX, o escravo é fundamental para observarmos a economia, pois eles eram um indicativo de riqueza; possuir escravos era uma forma de status, tornando-se um dos termômetros da economia. Logo, a província mineira, por possuir um grande número de escravos, tornou-se objeto de análise de vários autores, dentre os quais podemos destacar Roberto Borges Martins¹, que defende a importância econômica da província, no século em questão, quando afirma que "o sistema escravista de Minas Gerais no século XIX foi o maior que existiu em toda a história da instituição servil do Brasil".²O autor se opõe a historiografia tradicionalista que acredita que o grande número de escravos, presentes no século XIX, foi resultado da mineração e que, devido ao seu "declínio", foram transferidos para outros setores como o de produção de subsistência e posteriormente ao do cultivo de café. Martins acredita que o grande número de escravos da província teria sido resultado das importações e argumenta que este fenômeno comprova a independência das outras atividades econômicas, em relação à mineração e faz a seguinte afirmação:

"É fundamental compreender que a grande população servil de Minas, no princípio do século dezanove não era uma herança do rush do ouro. Esses escravos não eram os remanescentes daqueles importados para a mineração, nem os seus descendentes, eram, isso sim, o resultado de importações recentes, não induzidas pela atividade mineradora".³

Para o autor, a economia mineira passou a ser mercantil de subsistência e pouco mercantilizada.

¹ MARTINS: 1982.

²¹ Idem, p.1.

³²²Idem, p. 11.

Robert W. Slenes²³ estuda a economia escravista do século XIX e busca explicar como se deu o desenvolvimento da economia mineira após o período mineratório e quais foram as bases que fizeram com que esta permanecesse dinâmica; ao contrário do que defende Martins, ele argumenta que as atividades exportadoras, existentes em Minas Gerais, neste período, ao contrário do que acredita Martins, tiveram uma grande representatividade no desenvolvimento econômico e que teria sido essas exportações que permitiram o aumento no número de escravos, favorecendo o apego de Minas à escravidão. O declínio que ocorreu no sistema escravista, em fins do século XIX, foi causado, segundo o autor, pela retração desses centros dinâmicos e de seus efeitos multiplicadores na economia. Para Slenes, a economia de exportação, da província de Minas Gerais, para o mercado externo, era de razoável importância, colaborando para o desenvolvimento do mercado interno mineiro. Slenes deixa evidente que a economia estava diretamente ligada a mão-de-obra escrava.

Os autores Francisco Vidal Luna e Wilson Cano²⁴ também vão concordar com relação à importância do escravo para a economia. Em notas críticas, Luna e Cano fazem alguns questionamentos em relação aos embasamentos empíricos nos quais Martins se apoia, principalmente no que se refere ao aumento do número de escravos na província. Embora concordando com Martins quanto a economia ser mercantil de subsistência e pouco mercantilizada, os autores acreditam que o aumento da população escrava deve-se ao crescimento positivo, via crescimento natural

Iraci del Nero da Costa, ao analisar 10 localidades mineiras, estudando as estruturas populacionais típicas em Minas Gerais em 1804, utiliza-se do recenseamento feito neste

²³ SLENES; 1988.

²⁴ CANO & LUNA: 1982.

período e adota métodos da demografia e economia simultaneamente para essas localidades. O autor estabelece 4 tipos de estruturas populacionais: urbana, rural-mineradora, intermediária e rural de autoconsumo. Dentre essas 10 localidades, encontramos Mariana, que é caracterizada como urbana, pois *"apresentava corte caracteristicamente urbano. No censo utilizado neste trabalho os fogos vêm arrolados por ruas, a indicar que a própria organização espacial do núcleo obedecia a padrões típicos de centros citadinos"*²⁵.

O foco de nosso interesse concentra-se na localidade de Mariana. O autor agrupa a esta freguesia outras duas: Vila Rica e Passagem: observa, a partir destas, que a população urbana é formada em sua maioria por pessoas livres e que a maioria desta população é de mulheres solteiras. Mas, ao observar somente a população escrava, chega à conclusão de que o sexo masculino era quem predominava. A população urbana, tanto livre quanto escrava, foi classificada pelo autor como sendo relativamente jovem. Analisando somente a população escrava, o autor constatou que a pirâmide etária possuía configurações típica de população "velha", com predominância de homens em todas as faixas etárias. Dentre os escravos havia predomínio dos crioulos em detrimento dos africanos.

As atividades econômicas foram classificadas em primárias, secundárias e terciárias. Ao analisá-las, segundo a posição social de livres e escravos, o autor nota que os escravos atuavam predominantemente no setor primários, sendo o secundário e o terciário dominado pela população livre. Dessa forma, o autor fornece-nos uma visão de como a sociedade marianense, dessa época, se estruturava demográfica e economicamente.

²⁵ COSTA: 1982, P. 13.

Francisco Eduardo Andrade estudou a região do Termo de Mariana e como se deu o desenvolvimento da agricultura e seus efeitos após o auge da mineração. Ele afirma que a economia do Termo possuía, no século XIX, características agrícolas de subsistência. Ao estudar as freguesias de Catas Altas do Mato Dentro, Furquim, Antônio Pereira, Remédios e São Caetano, o autor observa que, na primeira metade do século XIX, as atividades agrícolas predominavam, mas conjuntamente a esta atividade existia a mineração, que variava de região para região, de acordo com a herança mineratória que a freguesia possuiu no passado, sendo estes demonstrados nos perfis econômicos e sociais de cada freguesia.

Catas Altas atuou como centro mineratório importantes desde o início do século XVII, desenvolvendo, no século XIX, a atividade agrícola; enquanto que em Remédios sempre prevaleceu a agricultura. Catas Altas também possuiu, no século XVIII, uma atividade comercial de significativa importância, com solo propício à permanência das atividades mineratórias, possuindo também atividades agrícolas e pecuárias. Em Antônio Pereira predominava a mineração desde o século XVIII, visto que o meio natural era desfavorável para atividades agrícolas.

Ao analisar as listas nominativas das freguesias, Andrade divide as freguesias, atuantes na agricultura, em dois grupos de população livre: os roceiros e os fazendeiros; sendo a diferença primordial entre estes o número de escravos que detinham, tendo os fazendeiros o maior contingente masculino. Havia predominância dos homens na agricultura e na pecuária, mas, em relação aos roceiros, prevalecia a atuação feminina. Tomou-se evidente, em seu estudo, que os proprietários que possuíam o maior número de escravos eram exatamente aqueles que possuíam as maiores extensões de terras.

Carla Maria de Carvalho Almeida²⁶ analisa a forma e o funcionamento das unidades produtivas do Termo de Mariana, buscando demonstrar que o declínio da mineração não provocou transformações profundas nas estruturas produtivas existentes. Em sua análise, ela utiliza os inventários *post-mortem* do 1º e 2º ofício do período de 1750-1850. Para observar o índice de crescimento da produção, a autora observa o tamanho dos rebanhos presentes nestes inventários, e, para visualizar o crescimento populacional, observa o número de pessoas livres presentes na mesma documentação.

Segundo a autora. Minas Gerais reagiu a crise de produção do ouro buscando a sua independência no mercado, principalmente em relação a auto-reprodução dos escravos e aos produtos de subsistência procurando atuar com estes no mercado inter e intra-provincial. A autora conclui que "as atividades voltadas para o mercado interno, embora gerando graus de riqueza menores que as exportadoras, tem muito mais independência do capital mercantil e, portanto, maior capacidade de resistência frente as conjunturas de crise da economia mundial".²⁷

Para Almeida, a estrutura produtiva que se expandiu, após o declínio do ouro, já se encontrava presente em Minas e o que ocorreu foi um fortalecimento dessas atividades que impulsionaram a economia mercantil de subsistência, possuindo um mercado interno que tendeu a se expandir, utilizando mão-de-obra escrava. Era fundamental para essa expansão: "essa produção tão diversificada, inicialmente voltada quase que exclusivamente para o abastecimento das U.P e para o mercado local, foi sendo cada vez mais endereçada aos mercados mais distantes".²⁸

²⁶ ALMEIDA: 1995.

²⁷ ALMEIDA: 1995, p. 96.

²⁸ .Idem, p. 107.

Conclui que a mão-de-obra escrava foi base da economia deste início da colonização e que esta continuou a crescer mesmo com a "decadência" da mineração, deixando evidente a importância do escravo. Ao final dessas exposições, o que podemos concluir é que todos os autores, à sua maneira, vêem, no sistema escravista em expansão, a explicação para o fato de Minas ocupar posição de destaque durante o século XIX.

Capítulo 3- Estrutura dos domicílios das viúvas

Como nos propomos no capítulo 1, apresentamos a tipologia dos domicílios das mulheres chefes viúvas; primeiramente investigaremos o meio urbano e o rural, para analisarmos se havia uma diferença na sua composição e/ou estrutura. E de primordial importância ressaltarmos que estes resultados não podem ser tomados como regra geral para os domicílios existentes na região de Mariana, uma vez que estamos considerando apenas os domicílios chefiados por mulheres. Daremos ênfase aos domicílios das viúvas e utilizaremos os das solteiras para comparação. As mulheres casadas, que são chefes de domicílios, entraram na nossa análise a título de ilustração.

Tomamos como base a tipologia elaborada por Samara e aplicada em São Paulo na população de 1836, já apresentada no capítulo 1, onde ela classifica os domicílios em: singulares, desconexos, nucleares, extensos, aumentados e fraternos²⁹. Ao aplicarmos esta tipologia para Mariana, chegamos a conclusão de que prevaleceu, nos domicílios das viúvas, a categoria dos "aumentados", representando um total de 31 domicílios (54,4%), seguidos pelos "desconexos" com 16 domicílios (28%). Já em Catas Altas, notamos que a maior proporção era entre os domicílios "desconexos", 20 casos (77,0%) e em seguida os "singulares", com 5 domicílios (19,3%). Ocorre uma diferença em relação às duas localidades urbanas, ou seja, em Mariana, a maioria dos domicílios apresenta a presença de filhos e escravos, enquanto que em Catas Altas predomina a presença de escravos e

²⁹ "Os domicílios caracterizados como singulares pela autora são aqueles onde os indivíduos encontram-se só nos fogos, sem mencionar mais ninguém. Os desconexos são os de indivíduos estão acompanhados de filhos; os nucleares são os que não apresentam escravos nem outros parentes. Os extensos possuem as mesmas características dos nucleares, mas com a presença dos parentes; os domicílios aumentados são aqueles onde temos filhos, parentes, agregados e escravos e os fraternos os que não possuem chefes determinados. SAMARA: 1986, p. 193-195.

agregados nos fogos chefiados por viúvas, ou seja, possuíam uma estrutura mais simplificada.

No entanto, é relevante a presença dos domicílios "desconexos" nas duas localidades, o que nos leva a crer que uma boa parte das viúvas viviam sem a companhia dos parentes.

Com relação ao meio rural, analisando a localidade de Antônio Pereira, observamos que os domicílios "aumentados" são os de maior número, totalizando 5 casos (50,0%), seguido pelos domicílios "desconexos", 4 casos (40,0%), ocorrendo uma semelhança estrutural com o meio urbano de Mariana.

Na localidade de Morro da Água Quente, subdistrito de Catas Altas, temos a predominância dos domicílios "desconexos", um total de 10 casos (90,9%) e apenas 1 domicílio "singular" (9,1%), ou seja, nesta localidade não se encontrava nos domicílios das viúvas a presença de seus filhos. O mesmo ocorre em Brumadinho, onde temos apenas os domicílios "desconexos", totalizando 6 casos (100,0%).

Analisamos 110 domicílios que eram chefiados pelas viúvas, tanto no meio rural quanto no meio urbano, o que podemos concluir, a partir da análise geral destes domicílios é que havia predominância dos domicílios "desconexos". Isso sugere que uma parcela considerável destas viúvas vivia em companhia de escravos e/ou agregados e não de familiares.

Apresentaremos os dados mais detalhados da nossa pesquisa, referente à estrutura e composição desses domicílios, a partir das tabelas seguintes.

Tabela 1-DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS NO MEIO URBANO POR ESTADO CONJUGAL

Estado conjugal	Localidade			
	Mariana		N. S.C. Catas Altas	
	n° ; abs.	%	n°s. abs.	%
Casada	7	4,2	15	13,4
Solteira	101	61,2	71	63,4
Viúva	57	34,6	26	23,2
Total	165	100,0	112	100,0

Fonte: Listas nominativas, códigos 651 e 154. As demais tabelas em que estas localidades aparecem, as fontes são as mesmas desta tabela. 1. TSFs. abs. = números absolutos

Na lista nominativa de Mariana, encontramos um total de 333 fogos, sendo 165 domicílios chefiados por mulheres (49,5%). A tabela 1 nos mostra que a maioria dos domicílios, presentes em Mariana, era de mulheres solteiras (61,2%), e, em seguida, encontramos os das viúvas (34,6%). Em Catas Altas, encontramos um total de 222 domicílios, onde os chefiados por mulheres são 112, onde também as mulheres solteiras são maioria (63,4%) seguida pelas viúvas (23,2%). Estes dados nos mostram que para estas localidades urbanas, temos um predomínio das chefes de domicílio solteiras, confirmando os resultados de Donald Ramos para Vila Rica no ano de 1804. As viúvas, como se vê, eram uma parcela significativa da população livre existente na regiões urbanas e rurais.

Tabela 2-DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS NO MEIO RURAL POR ESTADO CONJUGAL

Estado conjugal	Localidade					
	Antônio Pereira		Morro A. Quente		Brumadinho	
	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%
Casada	3	4,3	1	2,7	-	-
Solteira	55	79,7	25	87,6	4	40,0
Viúva	10	14,5	11	29,7	6	60,0
Total	68	100,0	37	100,0	10	100,0

Fonte: Listas nominativas, códigos 663 e 154. As demais tabelas em que estas localidades aparecem são da mesma fonte desta tabela 2.

N°s. abs. = numeres absolutos.

Nas localidades rurais, como Antônio Pereira, encontramos uma população composta por 138 domicílios, onde 68 são chefiados por mulheres, das quais as solteiras são maioria 55 domicílios (79,7%) e os das viúvas, em seguida, com 10 domicílios (14,5%). Em Morro da Água Quente encontramos 93 domicílios, onde 37 são chefiados por mulheres, sendo de solteiras domicílios (67,6%) e as viúvas em 11 (29,7%). A localidade de Brumadinho é composta por 60 domicílios, possuindo um maior número de mulheres viúvas como chefes de fogo: 6 (60,0%) e de 4 solteiras (40,0%). Ao analisarmos de maneira geral a localidade rural, vemos que são as solteiras que se encontram como maioria dos chefes de fogos. Estes resultados, do meio rural e o urbano, vão contrastar com os de Dora Isabel Paiva da Costa para a localidade de Campinas em 1829; com exceção de Brumadinho, que possui mais viúvas como chefes de domicílio.

Tabela 3- DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE DOMINCÍLIOS NO MEIO URBANO POR STATUS ÉTNICOS

Localidade/ Estado	Branca			Parda			Cabra			Preta			Crioula		
	n°s.	abs.	%	n°s.	abs.	%	n°s.	abs.	%	n°s.	abs.	%	n°s.	abs.	%
Conjugal															
Mariana															
Casada	2	4,1	4	5,4	-	-	1	16,7	-	-	-	-	-	-	-
Solteira	25	51,0	42	56,8	5	100,0	4	66,6	25	86,2					
Viúva	22	44,9	28	37,8	-	-	1	16,7	4	13,8					
Total	49	100,0	74	100,0	5	100,0	6	100,0	29	100,0					
N.S.C. Catas Altas															
Casada	-	-	7	13,0	-	-	5	38,5	3	8,8					
Solteira	11	50,0	31	57,4	-	-	8	61,5	27	79,4					
Viúva	11	50,0	16	29,6	-	-	-	-	4	11,8					
Total	22	100,0	54	100,0	-	-	13	100,0	34	100,0					

N°s. abs. = números absolutos.

Observação: Foram excluídos para as tabelas 3 e 4 as mulheres encontradas nas listas nominativas que não constava a sua qualidade. Estamos considerando cor e etnia na mesma variável *Qualidade* para as tabelas 3 e 4 em respeito as informações dispostas na lista nominativa.

Em meio a este universo domiciliar é interessante sabermos quais eram os *status étnicos*³⁰ destas mulheres (tabela 3), pois em uma sociedade escravista estas características são muito representativas. Observamos que as viúvas são maioria entre as mulheres brancas, 22 casos (44,9%) e as pardas 28 (27,8%), não tendo sido encontrado para Mariana mulheres viúvas "cabras", além de pequena proporção de pretas e crioulas. De forma geral, as mulheres solteiras predominavam dentre as mulheres que chefiavam fogos. Em Catas Altas, temos uma igualdade entre as mulheres brancas viúvas e as solteiras (50,0% cada). Com relação às pardas, temos 16 viúvas (29,6%), dentre as crioulas temos 4 viúvas (11,8%), não havendo mulheres viúvas "cabras" nem pretas. Vemos que as viúvas estavam, em sua maioria, entre as brancas e em seguida as pardas nas localidades urbanas, o que poderia denotar que as mulheres brancas e pardas, que eram viúvas, tinham uma melhor condição social que as demais; no entanto, faltam-no dados para comprovar essa hipótese.

Tabela 4- DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS NO MEIO RURAL POR STATUS ÉTNICOS

Localidade Estado conjugal	Branca		Parda		Preta		Crioula		Africana	
	n°s	abs. %	n°s	abs. %	n°	s. abs. %	n°s.	abs. %	n°s.	abs. %
Antônio Pereira										
Casada	-	-	2	5,7	-	-	-	-	-	-
Solteira	5	55,6	27	77,1	-	-	-	-	4	100,0
Viúva	4	44,4	6	17,1	-	-	-	-	-	-
Total	9	100,0	35	100,0	-	-	-	-	4	100,0
Morro A . Quente										
Casada	-	-	8	44,4	1	50,0	12	100 ,0	-	-
Solteira	4	80,0	1	5,6	-	-	-	-	-	-
Viúva	1	20,0	9	50,0	1	50,0	-	-	-	-
Total	5	100,0	18	100,0	2	100,0	12	100 ,0	-	-
Brumadinho										
Casada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Solteira	-	-	2	25,0	1	100,0	1	100 ,0	-	-
Viúva	-	-	6	75,0	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	8	100,0	1	100,0	1	100, 0	-	-

N°s. abs. = números absolutos.

³⁰O termo *Status étnicos* aqui empregado é encontrado em COSTA, Dora: 1998, p. 1157.

Analisando a tabela 4, referente ao meio rural, notamos que em Antônio Pereira as viúvas se encontram presentes apenas entre as mulheres brancas, 4 casos (44,4%) e pardas, 6 casos (17,1%). Em Morro da Agua Quente há 1 único caso de mulher branca (20,0%) e as pardas são maioria, juntamente com as pretas, representando respectivamente 50,0% cada. Para Brumadinho todas as viúvas são pardas: 6 casos (75,0%).

Notamos, então, que as viúvas no meio rural são em maior número pardas, o que não ocorre no meio urbano, onde a maioria das mulheres, chefes de domicílios, eram brancas.

A hipótese levantada acima, de que as mulheres brancas e pardas teriam melhor condição social também se aplicaria ao meio rural, visto que as pardas e brancas figuram como maioria dentre as mulheres.

Tabela 5- DISTRIBUIÇÃO DAS VIUVAS SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA E AS LOCALIDADES URBANAS

Localidade	15-24		25-34		35-44		45-55		55 e +		Total
	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%	
Mariana	1	1,8	4	7,0	11	19,3	12	21,1	29	50,8	57 100,0
N.S.C. Catas Altas			3	11,1	1	3,7	11	40,7	12	44,4	27 100,0

N°s. abs. = números absolutos.

A tabela 5 demonstra a idade das viúvas, chefes de domicílios, nas localidades urbanas. Em Mariana, a maioria das viúvas apresentava idade de 55 ou mais, em Catas Altas ocorre o mesmo, o que nos leva a levantar a hipótese de que elas poderiam ter permanecido mais tempo na companhia de seus maridos e, conseqüentemente, esse tempo de convivência poderia ter-lhes garantido mais bens, além da herança que elas tinham direito no caso de morte do marido, podendo ter elas uma melhor condição econômica.

Tabela 6- DISTRIBUIÇÃO DAS VIÚVAS CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO AS FAIXAS ETÁRIAS E AS LOCALIDADES RURAIS

localidade	15-24		25-34		35-44		45-55		55 e+		Total	
	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	n ^o s. abs. %	
Antônio Pereira	-	-	3	30,0	1	10,0	6	60,0	10	100,0		
Morro A. Quente	2	18,2	2	18,2	-	-	7	66,6	11	100,0		
Brumadinho	-	-	2	33,3	4	66,7	-	-	6	100,0		

N^os. abs. = números absolutos

Notamos, nesta tabela 6, referente às idades de mulheres viúvas, chefes de domicílios, em localidades rurais, que em Antônio Pereira e Morro da Água Quente temos a maioria das viúvas com 55 anos ou mais, o que não ocorre em Brumadinho, onde a maioria delas possuem de 45 a 55 anos. No entanto, em todas as localidades rurais, elas estão com idade elevada. Assim, podemos perceber que, no que se refere a idade das viúvas chefes de domicílios, não notamos grande diferença entre o urbano e rural, ou seja, elas estavam em média na mesma faixa etária. A documentação utilizada não nos permite verificar a quanto tempo estas mulheres estão viúvas.

Tabela 7- DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E A LOCALIDADE URBANA

Localidade	Casada		Solteira		Viúva	
	n	s. abs. %	n°	. abs. %	n°s	abs. %
Mariana						
Negócio	-	-	-	-	1	16,7
Venda	2	100,0	2	66,7	3	50,0
Negócio e botica	-	-	-	-	1	16,7
Estalagem	-	-	1	33,3	1	16,7
Total	2	100,0	3	100,0	6	100,0
N.S.C. Catas Altas						
Agricultora	-	-	1	1,7	2	11,8
Costureira	-	-	2	3,5	4	23,5
Tecelã	1	9,1	9	15,8	-	-
Fiandeira	6	54,5	32	56,1	7	41,2
Lavadeira	2	13,2	1	1,7	-	-
Taberneira	-	-	3	5,3	1	5,9
Parteira	-	-	1	1,7	-	-
Estalagem	-	-	1	1,7	-	-
Rendeira	-	-	2	3,5	-	-
Indeterminada*	2	18,2	5	8,3	3	17,6
Total	11	100,0	57	100,0	17	100,0

N°s. abs. = números absolutos

Observação: - Foram retirados os domicílios onde não havia a indicação da ocupação das mulheres chefes de domicílios.

*Como atividade Indeterminada externos considerando; deficiente físico, enferma e mendiga, além das que não foram possíveis a leitura na fonte. Estamos desconsiderando 23 mulheres que não constavam sua ocupação, sendo 3 casadas, 13 solteiras e 7 viúvas.

Uma das possibilidades que temos de saber em qual atividade estas viúvas estavam atuando na economia é através da observação da sua ocupação (tabela 7). Na lista de Mariana, temos um total de 57 domicílios chefiados por viúvas, onde encontramos a indicação da ocupação de apenas 6 viúvas (10,5%), sendo este número muito pequeno, não sendo como base de comparação da ocupação dessas viúvas. No entanto, para as 6 viúvas de Mariana, que obtivemos informação sobre sua ocupação, podemos observar que elas se dedicavam às atividades ligadas ao comércio.

Em Catas Altas, temos 26 domicílios de viúvas e, em 14, há informação sobre sua ocupação (51,8%), sendo 4 costureiras, 1 taberneiras e 2 agricultoras, 7 fiandeiras. Essas ocupações determinadas, denotam que as viúvas estavam mais envolvidas em atividades artesanais.

Tabela 8- DISTRIBUIÇÃO DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E AS LOCALIDADES RURAIS

Localidade	Estado conjugal					
	Casada		Solteira		Viúva	
Antônio Pereira	n.ºs.	abs. %	n.ºs.	abs. %	n.ºs.	abs. %
Mineira	-	-	8	61,5	4	57,1
Costureira	-	-	2	15,4	-	-
Venda da terra	-	-	2	15,4	2	28,6
Estalajadeira	-	-	-	-	1	14,3
Costureira/ venda da terra	-	-	1	7,7	-	-
Total	-	-	13*	100,0	7*	100,0
Morro A. Quente						
Costureira	1	100,0	4	16,0	3	33,3
Tecelã	-	-	2	8,0	0	-
Fiandeira	-	-	19	76,0	5	55,6
Taberneira	-	-	0	-	1	11,1
Total	1	100,0	25	100,0	9**	100,0
Brumadinho						
Agricultora	-	-	-	-	2	33,3
Criadora	-	-	-	-	1	16,7
Serviços domésticos	-	-	-	-	1	16,7
Fiandeira	-	-	4	100,0	1	16,7
Criadora/ agricultora	-	-	-	-	1	16,7
Total	-	-	4	100,0	6	100,0

N.ºs. abs. = números absolutos.

* Estamos desconsiderando 14 mulheres que não consta informação sobre a ocupação, sendo 13 solteiras e 1 viúva.

** Estamos desconsiderando 1 mulher viúva que não consta ocupação.

Na tabela 8, está presente as localidades rurais de Antônio Pereira onde há ocupação para as 7 viúvas (70,0%), sendo 4 mineiras, 2 de venda da terra e 1 estalajadeira. Podemos observar que, dentre as viúvas, a ocupação com as quais elas estavam mais envolvidas era a de mineração (57,1%). Em Morro da Água Quente, 3 eram costureiras, 5 fiandeiras e 1 taberneira, predominando as viúvas com ocupação de fiandeiras. Já em Brumadinho, a agricultura tem maior destaque, 2 agricultoras, 1 criadora, 1 serviços domésticos, 1 fiandeira e 1 mulher criadora/agricultora.

Sendo claro que havia uma distinção entre essas atividades no que se refere à ocupação, ou seja, suas áreas de atuação na economia são diversificadas, tanto no meio

urbano quanto no rural. É evidente que as listas dos meios rurais nos propiciam um melhor detalhamento dessas ocupações, pois é nelas que temos quase todos os fogos com informação sobre a ocupação do chefe do domicílio.

Tabela 9- DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS POR FOGOS DE MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E AS LOCALIDADES URBANAS

Estado conjugal	Localidade			
	Mariana		N.S.C.	Catas Altas
	n°s. abs.	%	N°s. abs	%
Casada*	6	1,8	2	2,2
Solteira	130	40,2	18	19,8
Viúva	137	58,0	71	78,0
Total	323	100,0	91	100,0

N°s. abs. = números absolutos

* Os escravos descritos nos domicílios onde as mulheres casadas eram chefes, poderiam ser de seus maridos, pois eles se encontravam ausentes dos domicílios. O mesmo pode ter ocorrido com as mulheres casadas chefes presentes na tabela 10.

Na tabela 9 encontramos a distribuição dos escravos nos fogos onde as mulheres eram chefes. Em Mariana e Catas Altas, nos domicílios das viúvas há um maior número de escravos, representando respectivamente 58,0% e 78,0% dos escravos presentes nos domicílios destas duas localidades, chefiados por mulheres. A média de escravos, nos domicílios, é a seguinte: para Mariana, as viúvas possuíam média de 4,25 escravos, as solteiras 3,33 e as casadas 1,0. Em Catas Altas temos média de 4,7 escravos por domicílios das viúvas, 1,6 escravos nos das solteiras e 1,0 escravos nos domicílios das casadas. Como o escravo neste período era considerado um indicativo de riqueza, podemos supor que as viúvas, nestas localidades, possuíam uma melhor condição do que as solteiras, que detinham em 40,2% dos escravos em Mariana e 19,8% em Catas Altas.

Tabela 10- DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS POR FOGOS DE MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E AS LOCALIDADES RURAIS

Estado conjugal	Localidade						
	Antônio Pereira		Morro A. Quente		Brumadinho		
	n°s. abs.	%	n°s. abs.	%	n°s. abs.	abs.	%
Casada	1	1,2	-	-	-	-	-
Solteira	66	79,5	8	53,3	3	3	9,7
Viúva	16	19,3	7	46,7	28	28	90,3
Total	83	100,0	15*	100,0	31	31	100,0

N°s. abs. = números absolutos

Estamos excluindo o fogo 224 por este possuir 88 escravos. Um número de escravos tão alto não é regra, e sim a exceção. Portanto, se incluíssemos esses escravos no total, a média de escravos seria de

A tabela 10 nos fornece a distribuição dos escravos em fogos chefiados por mulheres nas áreas rurais. Encontramos para Antônio Pereira um total de 83 escravos, sendo que 16 (19,3%) se encontravam nos domicílios de viúvas, sendo que, a média de escravos para as mulheres chefes de domicílio, de acordo com o estado conjugal era: viúvas 1,6 escravos, solteiras 4,1 e casadas 1,0. Em Morro da Água Quente temos 15 escravos nos domicílios chefiados por mulheres, sendo que 7 (46,7%) estavam nos domicílios de viúvas e 8 nos das solteiras, não possuindo as casadas nenhum escravo, A média de escravos nos domicílios são de: viúvas 2,7; solteiras 1,3. Em Brumadinho temos 31 escravos nos fogos chefiados por mulheres e, nestes, 28 estão nos fogos das viúvas, solteiras 3 escravos (9,7%) e as casadas não possuíam escravos. A média de escravos é: viúvas 7,0, solteiras 3,0.

Notamos que a presença de escravos nestes domicílios é significativa, principalmente no que se refere à localidade de Brumadinho, visto que em quase todos os domicílios de mulheres chefes havia presença de escravos. Em Antônio Pereira e Morro da Água Quente a hipótese que levantamos, de que as viúvas possuíam uma maior riqueza do

que as solteiras não podem ser aplicada. Em relação ao urbano, temos uma presença mais acentuada destes escravos, pois eles estavam presentes em grande número nos domicílios das viúvas destas localidades.

Tabela 11-DISTRIBUIÇÃO DOS AGREGADOS POR FOGOS DE MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E AS LOCALIDADES URBANAS

Estado conjugal	Localidade Mariana		N.S.C. Catas Altas	
	n.ºs. abs.	%	n.ºs. abs.	%
Casada	1	0,7	-	-
Solteira	90	60,4	-	-
Viúva	58	58,0	-	-
Total	149	100,0	-	-

N.ºs. abs. = números absolutos

A tabela 11 nos fornece a distribuição dos agregados por domicílios das mulheres. Encontramos em Mariana 149 agregados, estando a maioria deles nos domicílios das solteiras, 90 agregados, representando 60,4% e nos das viúvas encontramos 58 agregados (58,0%). A média de agregados nos fogos era: viúvas 2,1; solteiras 3,33 e casadas 3,1, tendo as mulheres casadas uma pequena proporção, apenas 1 agregado (0,7%).

A partir da tabela, notamos que o número de agregados, presentes nos domicílios das viúvas, é menor do que o número de escravos encontrados (tabela 9), o que pode nos levar a crer que a medida que temos um maior número de escravos, é menor o número de agregados nestes domicílios.

Tabela 12- DISTRIBUIÇÃO DOS AGREGADOS POR FOGOS DE MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E AS LOCALIDADES RURAIS

Estado conjugal	Localidade				
	Antônio Pereira		Morro A. Quente		Brumadinho
	n ^o s. abs.	%	n ^o s. abs.	%	n ^o s. abs.
Casada	-	-			
Solteira	11	34,4			
Viúva	21	65,6			
Total	32	100,0			

N^os. abs. = números absolutos

Indicamos, na tabela 12, a distribuição de agregados por fogos de mulheres chefes de domicílio. Em Antônio Pereira, dentre as mulheres, os domicílios das viúvas possuem o maior número de agregados, ao contrário dos domicílios urbanos, sendo a média de 3,0 agregados. As localidades de Morro da Água Quente e Brumadinho não possuem nenhum agregado. Podemos, no entanto, levantar a hipótese de que a mão-de-obra, utilizada nestas localidades, só poderia ser a dos escravos e/ou de familiares.

Capítulo 4- A riqueza legada no leito de morte

Comparando os inventários das viúvas com o de seus cônjuges, podemos observar a riqueza dessas viúvas em dois momentos de suas vidas. Desta forma, optamos por apresentar os dados, por nós pesquisados, obedecendo a seguinte ordem: marido e viúva, o que nos possibilita um melhor visualização das modificações sofridas no intervalo da data do inventário do cônjuge masculino para o feminino.

Compararemos o valor da meação da viúva com o seu monte-mor para podermos observar a diferença destes valores, para notarmos se a riqueza desta aumentou ou diminuiu. Analisaremos, ainda, o valor dos escravos herdados por essa viúva.

Tabela 13- VALOR DO MONTE-MOR NOS INVENTAMOS POST-MORTEM

Casal	Ano	Monte-Mor do marido (em réis)	Meação da viúva (em réis)	Escravos que o marido deixou (em réis)
1	1803	11: 691\$283	5:845\$641 1/2	3: 379\$000
2	1804	1: 459\$058	728\$991 3/4	681\$800
3	1816	2:707\$437	1:354\$718 3/4	1:230\$000
4	1819	5:243\$879	2:971 \$939	2: 335\$000

	Ano	Monte-mor da viúva (em réis)	Escravos recebidos pela viúva (em réis)	Escravos que a viúva deixou (em réis)
1	1819	3:596\$719	1:303\$000	356\$000
2	1804	131\$750	380\$000	90\$000
3	1822	948\$250	605\$000	600\$000
4	1821	4:102\$065	1,220\$00Q	775\$000

Fonte: Inventários *post-mortem* do 1º ofício.

A tabela 13 apresenta a descrição do monte-mor das viúvas e seus espectivos cônjuges. No casal 1, temos Antônio José de Castro e Maria do Espírito Santo e Cunha. A

viúva Maria do Espírito Santo e Cunha foi casada com Antônio José de Castro, que, ao

morrer, deixa um monte-mor no valor de 11:691\$283 mil réis, sendo que o valor que cabia a sua viúva era de 5:845\$641 1/2 mil réis. Entre os bens do falecido deixados para seus herdeiros, encontramos: machados, enxadas, cavilhões, marretas, serras, eixos, rodas minerais e rodas. Dentre os bens semoventes, havia um número considerável de escravos, sendo o valor deles de 3:379\$000 mil réis. Podemos levantar a hipótese de que José Antônio de Castro exercia atividades relacionadas à mineração, possuía muitos escravos e instrumentos que poderiam ser utilizados nesta atividade.

Maria do Espírito Santo e Cunha, em seu inventário, deixa um monte-mor no valor de 3:596\$719 mil réis. Dentre seus bens móveis: tear, roda, serrote, foice, martelos, enxadas, alavancas, cavadeiras, eixo e carro. Já em relação a seus bens móveis, temos a presença de terras minerais, o que pode ser um indicativo de que ela atuou na atividade mineratória. Quanto a seus bens semoventes, encontramos alguns escravos no valor de 356\$000 mil réis.

Podemos notar que ocorreu uma diminuição do valor dos bens herdados pela viúva do momento em que ela recebe sua meação até o momento em que é feito o seu inventário. Podemos confirmar esta afirmação através dos seguintes valores: meação 5:845\$641 mil réis, monte-mor: 3:596\$719 mil réis (diferença de 2:348\$922 mil réis); valor dos escravos herdados por ela: 1:303\$000 mil réis, valor dos escravos deixados por ela: 356\$000 mil réis (diferença de 940\$000 mil réis).

No casal 2, temos José Alves Moreira e sua viúva Clara Maria Teixeira. No inventário de José Alves Teixeira, o valor do monte-mor é de 1:457\$983 1/2 mil réis, cabendo a viúva o valor da meação de 728\$991 3/4 mil réis. Nos bens móveis do falecido José Alves, temos: enxadas, foices, machado, martelo, roda de fiar e um forno de pedra de

torrar farinha; nos bens imóveis, encontramos uma fazenda, um sobrado com moinho, um

paiol, produção de milho e feijão. Entre os bens semoventes, estava presente os escravos, que foram avaliados em 681\$800 mil réis.

A viúva Clara Maria Teixeira possuía, em seu inventário, um monte-mor no valor de 131\$750 mil réis. Encontramos entre seus bens móveis enxadas, machado e foice, dentre os bens imóveis havia plantações de milho e feijão. No que se refere ao número de escravos, em seus bens semoventes, havia apenas 2 no valor de 90\$000 mil réis. Notamos que ocorreu uma grande diminuição do valor de seus bens: a meação dela foi de 728\$991 $\frac{3}{4}$ mil réis e o monte-mor deixado foi de 131\$750 mil réis (diferença de 860\$013 mil réis); o valor dos escravos herdados por ela era de 380\$000 mil réis e o valor dos escravos deixados foi de 90\$000 mil réis (diferença de 290\$000 mil réis).

No casal 3, temos Antônio Nunes Cruz e Catarina Campos. Encontramos no inventário de Antônio Nunes Cruz o valor do monte-mor de 2:707\$437 $\frac{1}{2}$ mil réis, sendo que a meação da viúva corresponde a 1:354\$718 $\frac{3}{8}$ mil réis. Ao observarmos, entre os bens móveis, enxada, foices, machado, tear aparelhado e 1 carro. Dentre os bens imóveis, há uma fazenda com casa coberta de telha, moinho, monjolo e casas no arraial; entre os bens semoventes, temos alguns escravos que somam 1:280\$000 mil réis.

Catarina Martins Campos, deixou, em seu inventário, um monte-mor no valor de 948\$250 mil réis. Ao analisarmos os bens móveis por ela deixados: havia alguns instrumentos de trabalho, como foices, enxadas e tear. Já em relação aos seus bens imóveis, encontramos uma morada de casa assoalhada e coberta com telha, possuindo alguns escravos no valor de 606\$400 mil réis. Notamos que, no momento em que viúva recebe sua herança, ocorre uma diminuição de sua riqueza, observamos esta diminuição através destes valores: meação da viúva foi de 1:354\$718 $\frac{3}{4}$ mil réis e o monte-mor por ela deixado foi

de 948\$250 mil réis (diferença: 460\$468 mil réis); valor dos escravos herdados foi de

605\$000 mil réis e o valor dos escravos deixados foi de 600\$000 mil réis (diferença; 5\$000 mil réis).

No casal 4, temos Guilherme [?] de Acipeste e Ana Francisca de Matos. No inventário de Guilherme [?] Acipeste temos um monte-mor no valor de 5:243\$879 mil réis, sendo a meação da viúva no valor de 2:971\$938 mil réis. Observamos, no inventário do falecido, dentre os bens móveis, um forno de cobre, serra de mão, enxadas, martelos, cunha de ferro, foices, cavadeira de ferro, teares aparelhados e rodas de fiar. Em relação aos bens imóveis, temos terra, casa de vivendas, um paiol, uma senzala, moinho, engenho de bois de moer cana, monjolo e uma produção de açúcar, milho e cana. Certamente ele exercia atividades relacionadas à produção de açúcar ou de aguardente. Entre os bens semoventes temos os escravos no valor de 2335\$000 mil réis.

Ana Francisca de Matos possuía, em seu inventário, um monte-mor no valor de 4:102\$065 mil réis. Ao analisar os bens móveis por ela deixados, encontramos, entre eles, martelo, foice, balança de pesar açúcar, enxadas, machados, serras, cavadeira teares, roda de fiar algodão e balança. Entre os bens móveis, temos: terra, paiol, senzala, moinho, engenho de moer cana, monjolo, produção de arroz, algodão e canavial. Já os bens semoventes possuíam o valor de 775\$000 mil réis. A partir dos dados, podemos levantar a hipótese de que ela também estaria atuando na produção de açúcar ou de aguardente.

Notamos que houve um aumento nos bens de Ana Francisca de Matos, sua a meação foi de 2:971\$939 mil réis e o monte-mor deixado por ela foi de 4:102\$065 mil réis (diferença: aumento de 1:130\$126 mil réis); o valor dos escravo herdados foi de 1:220\$000 mil réis e o valor dos escravo que ela deixou foi de 775\$000 mil réis (diferença de 445\$000 mil réis).

Através da análise geral da tabela 13, dentre os 4 casais analisados, apenas 1 viúva

aumentou seus bens, o que não ocorreu com as demais. Os dados levantados por nos indicam que a riqueza herdadas por essas mulheres sofre, na maioria dos casos, uma diminuição.

A existência de mulheres chefes de domicílios é bastante evidente, estando as viúvas em menor proporção do que as solteiras, mas também de maneira representativa, denotando que, a predominância dos domicílios extensos, defendida pelos clássicos da historiografia não se aplica a nossa análise. A estrutura domiciliar das viúvas, por nos analisadas, possuía, de uma maneira geral as características dos domicílios "desconexos", sem a presença de filhos. Podemos afirmar que, para a análise apresentada, a maioria das mulheres viúvas não se encontravam acompanhadas dos seus filhos, mas sim de escravos e/ou agregados.

A caracterização das viúvas, no que diz respeito à "qualidade", demonstrou que elas são em maioria brancas ou pardas, sendo que no urbano as brancas aparecem em maior número e no rural prevalece as pardas. Outra observação feita foi a da idade destas viúvas e foi possível constatar que a idade onde elas mais se concentravam era na faixa de 55 anos e mais. Tal aspecto é um indicativo de que elas puderam ter desfrutado das companhias de seus maridos por mais tempo ou que ficaram viúvas muito cedo e permaneceram neste estado até a morte. No entanto, através das listas nominativas, não é possível comprovarmos nenhuma dessas hipóteses.

No que diz respeito à ocupação das viúvas no meio urbano, temos, em Mariana, a predominância de atividades ligadas ao comércio e em Catas Altas a manufatura e artesanato; para o meio rural, temos em Antônio Pereira a mineração, em Morro da Água Quente as atividades artesanais, as viúvas são maioria. Em Brumadinho, elas

predominavam nas atividades agrícolas. No entanto, era representativo a variedade de setores econômicos em que elas atuavam.

Chegamos a conclusão de que o meio urbano e o rural apresentavam composições de domicílios distintas, no que se refere ao número de escravos e agregados por domicílios, sendo que, para o urbano, temos a maioria dos escravos nos fogos das viúvas. O mesmo não ocorre em relação aos agregados. Já no rural, temos o maior número de agregados nos domicílios das viúvas.

Ao analisar os inventários das viúvas e dos seus cônjuges, constatamos, através do valor de seus bens, que ocorreu uma diminuição da riqueza na maioria dos bens das viúvas, sendo que somente uma viúva ficou mais rica do período da morte do marido até a data de seu inventário. Não sendo estes dados suficientes para afirmar que isso era uma regra geral, pois elas atuaram na economia, podendo até estar praticando a mesma atividade de seus falecidos maridos.

Anexo 1 Ficha de coleta de dados em inventários *post-mortem*

Ficha para coleta de dados em Inventários

Propriedade/ Valor	Produção/ Valor
Total dos bens imóveis	
Bens Semoventes	Valor/N

Total dos bens imóveis	
Bens Semoventes	Valor/N
Total de bens semoventes	

Dívidas Ativas (crédito): _____

Dívidas Passiva (débitos): _____

Observações:

Anexo 2- Glossário

GLOSSÁRIO

Alavanca - aparelho destinado a mover, ou sustentar outros corpos por meio de uma barra sólida e inflexível, que, num ponto da sua extensão, assenta em um objeto fixo.p.555 V.1

Balança- instrumento destinado a determinar o peso relativo dos corpos e que se compõe essencialmente de uma alavanca, que num braço sustenta os pesos que servem para a comparação e no outro o objeto que se pretende pesar. Comparação das diferenças; ponderação.p.331 V.2

Bigorna- peça de ferro com um bico a um lado, ou dois, um de cada lado, em que se malha ou bate o ferro e outros metais; nos bicos fazem-se arcos ou peças com arcos ou peça com olho, alvado, volta circular, p 494 V.2

Candeias - vaso de barro, folha-de- flandes ou ferro, com um bico por onde sai a torcida; deita-se-lhe azeite ou outro combustível, e acende-se para dar luz, suspende-se por um serve ordinariamente para alumiar as cozinhas, p.830 V.2

Casa de sobrado- aposento superiores ao térreos, p.983 V.2

Carpina- carpinteiro, o mesmo que carapina. p. 948 V.2 Catres-

cama de viagem, camilha dobradiça, p.1029 V.2

Cavadeira- peça de feno, com gume, que se adapta à extremidade de um pau, a fim de abrir buracos num pau, para sementes, p.1041 V.2

Cavilhão- cavilha grande; usado especialmente em mecânica automóvel para designar as fortes cavilhas que ligavel a direção as rodas dianteiras, etc. p. 1041 V. 2

Cela- pequeno quarto de dormir, alcova, câmara, p.1073 V.2

Correntes- nos engenhos de açúcar, tábuas que formam uma como caixa, e se põem por baixo dos furos, onde estão as forma, das quais corre o mel, que purgam pelo fundo por uma bica para o tanque, p. 586 V.3

Cunha- instrumento de ferro, cortado em ângulo sólido e que serve para rachar lenha, pedra, etc., fazendo-o penetrar pelo vértice no material que se pretende fender, p. 758 V.3

Faca- instrumento cortante, formado por uma lâmina curta de ferro ou aço e um cabo, p.11 V.5

Foice- instrumento curvo, para cortar erva nos prados e pastagens e cereais nas searas. p.257V.5

Goiva- instrumento de marceneiro, espécie de formão de superfície curva. p. 528 V.5

Juntoira- o mesmo que juntoura. p. 93 V.6

Juntoura- pedra que atravessa de uma à outro face da parede . p. 93 V.6.

Manjola - o mesmo que mangual, p.477 V.6

Marão - carneiro de cobrição. p. 510 V.6

Mangual - instrumento rústico de malhar e debulhar o trigo, composto de duas varas, uma que se chama pítigo e serve de cabo, e outra mais pequena chamada mango, unidas uma a outra por uma correia, p. 466 V.6

Martelo - instrumento de percussão, que se compõe de uma peça de feiro, e destinado a bater os metais, fojá-lo, quebrar pedra, etc., especialmente a pregar pregos na madeira. p.553 V.6

Moinho - engenho composto de duas pedras ou mós, accionadas pelo vento, água ou motor, colocadas uma sobre a outra, e destinado a moer, especialmente cereais; qualquer máquina com as condições necessárias para triturar alguma coisa.p.891 V.6

Monjolo - maquina agrícola para pilar milho descascar café.

Morada - casa que ordinariamente habitamos; domicílio, pousada, habitação, p. 947 V.6

Morada de casa - prédio urbano, p.947 V.6

Pá - instrumento de ferro ou madeira, largo e achatado, com cabo mais ou menos longo, e que se aplica a diferentes usos, em trabalhos agrícolas, construção civil, limpeza urbana ou doméstica, etc. p.641 V.7

Paiol - compartimento, para nele se guardarem os gêneros da grande lavoura .p.669 V.7

Plaina - instrumento de carpinteiro, em geral para alisar madeira, especialmente tábua, garlopa pequena, sem punho, cujo rastro pode ser plano, côncavo ou convexo, desbastador ou alisador análogo, mecânico, para metais. p,360 V.8

Roda de fiar - máquina, com uma roda movida por um pedal e que servia outrora para fiar linho, cânhamo, etc.p.644 V.9

Rolho - rodilhão, acervo, embrulho, p. 669 V.9

Serra - lâmina de ferro, geralmente comprida e estreita com dentes aguçados, que se emprega para cortar madeira, pedra, metal, etc. p. 117 V. 10

Serrote - ferramenta de corte formada, como as serras, por uma lâmina de aço denteada como a da serra, sem outra armação que um cabo por onde se lhe pega e que pode ser de variados tipos. p. 123 V.10

Tear - aparelho ou máquina para o fabrico de tecidos, malhas ou tapetes, p. 697 V. 10

Tenda - loja de mercearia ou pequeno estabelecimento onde se vendem principalmente gêneros de mercearia, p. 748 V.10

Torques - fio ou barra de ferro, de ouro, ou de latão enrolado em círculo, a formar bracelete ou colar, da época pré - histórica., p.54 V.11

Trado - utensílio usado especialmente por carpinteiros e tanoeiras, o qual tem a forma de grande verruma; verruma de grandes dimensões que serve para abrir furos circulares em peças de madeira de grande espessura, p. 95 V. 11

Vivenda - habitação, assento, estabelecimento. Pequena casa de campo, geralmente nos arredores de uma cidade e servindo habitualmente para veraneio. Domicílio residencial, p.784 V.11

Fonte: SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Revista, corrigida e muito aumentada e atualizada segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 1 de agosto de 1945, por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Editorial Confluência.

FONTES E REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias manuscritas

Arquivo da Câmara Municipal de Mariana.

Lista Nominativas :Nossa Senhora a Conceição de Catas Altas do Mato Dentro (1822, códice154), Distrito da cidade de Mariana (1819,códice 651), Antônio Pereira (1819, códice 663).

Casa Setecentista de Mariana

Inventários *Post-Mortem* 1º ofício.(1819 a 1822;

Fontes impressas

BLUTEAU, D. Rafael de. *Vocabulário Português Latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 10.ed. Editorial Confluência,

V. I e II.

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2 vol., 1997.

ALGRANTI, Leila Mezani. Famílias e vida doméstica. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. V.1, p. 83 a 154.

ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana - 1750-1850*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências

Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 1994.

ANDRADE, Criatiana Viegas de. *Domicílios mineiros oitocentistas: uma aplicação do método "Grade of Membership" (GoM)*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FACE/CEDEPLAR/LTFMG. 2001.

ANDRADE, Francisco Eduardo de. Espaço econômico agrário e exteriorização colonial: Mariana das Minas nos séculos XVIII e XIX. *Termo de Mariana : história e documentação*. Mariana: EDUFOP, 1998, p. 113-125,

ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBOSA, Waldemar de Almeida, *Dicionário da terra e da gente de Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. *Famílias e escravidão: demografia e família escrava no norte de Minas Gerais no século XIX*. 1994. 208 f. Dissertação(Mestrado) - Departamento de História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BURKE, Peler. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKER, Perter (Org.) *A escritura da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Hector Perez. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARRARA, Ângelo Alves. *A capitania de Minas Gerais (1674-1835): modelo de interpretação de uma sociedade agrária. História econômica e história de empresas*, T. III, v.2, p. 47-63, 2000,

CHEQUUER. R. M. P. Algumas questões relativas as viúvas em Minas Colonial. *Anais da III Semana da Pós-Graduação*, UFMG, 2002.

_____ *Cotidiano e vida privada nas Minas setecentista. O impacto da morte paterna no arranjo familiar: primeiros apontamentos*, 2001.

COSTA, Dora Izabel Paiva da. As mulheres de domicílios e a formação de famílias monoparentais: Campinas, São Paulo - 1829. In: XI *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS ABEP*, 11, 1998, Caxambu, (MG). Belo Horizonte: ABEP, 1998. V.1.

COSTA, Iraci Del Nero da. *Populações mineiras: sobre a estrutura populacional de alguns núcleos mineiros no alvorecer do século XIX*. São Paulo: IPE-USP, 1981.

_____. *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*. São Paulo: EDEC, 1982. (Org.) Brasil: História Econômica e Demográfica. São Paulo: IPE/USP, 1986

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidino e poder em São Paulo no século XIX*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUPARQUIER, Jacques. Demografia Histórica e História Social. In: MARCÍLIO, Maria L. (org.). *população e sociedade: evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis: Vozes, 1984, 1984. p. 25-46.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. *História da Família e demografia histórica*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 241-258.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas Famílias', vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Avesso da Memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

FONSECA, Cláudia Damasco. O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações. *Termo de Mariana: história e documentação*. Mariana EDUFOP, 1998, p. 27-66.

_____. *Agentes e contextos das intervenções urbanísticas nas Minas Gerais do século XVIII*. Oceanos, v.41, p. 84-102.

_____. *Mariana: gênese e transformação de uma paisagem cultural*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 21. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

_____. *Sobrados e mucambos*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

FREITAS, José Luiz de. "O mito da família extensa: domicílio e estrutura fundiária em Jundiá (1818)". In: COSTA, Iraci del Nero.(org.) *Brasil: história econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

GONÇALVES, Andréa Lisly. " Algumas perspectivas da historiografia sobre Minas Gerais Dos séculos XVIII e XIX." In. *Termo de Mariana, história e documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998. P 13-26.

HENRY, Louis. Temas de pesquisa, fontes e métodos da demografia histórica do Brasil. *Revista de História, São Paulo, v. 53, n.º 105, p. 63-79, jan./mar. 1976*.

LASLETT, Peter. Família e domicílio como grupo de trabalho e grupo de parentesco:

comparações entre áreas da Europa ocidental. In: MARCÍLIO, Maria L. (org.)- In: *População e sociedade — evolução das sociedades pré-industriais*, Petrópolis: Vozes, 1984, p. 137-70.

LEWKOWICZ, Ida. Espaço urbano, família e domicílio (Mariana no início do século XIX). *Termo de Mariana: história e documentação*. EDUFOP, 1998,p.S7-97.

_____, *Vida em família: caminhos da igualdade em Minas Gerais - século XVIII e XIX*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1988.

LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LUNA, F. V. COSTA, I. D. N, *Minas Colonial: Economia e Sociedade*. Fundação Instituto de Pesquisas. São Paulo. Editora Pioneira, 1982.

MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). *Demografia histórica*. São Paulo: Pioneira. 1977.

_____. *A cidade de São Paulo: povoamento e população 1750-1850*. São Paulo:

Pioneira/EDUSP, 1973.

MATTOS, Hebe MARIA. *Das cores do silêncio: Os significados da liberdade no Sudeste escravista - Brasil, século XIX.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economias Minas Gerais do Século XIX.* 1996. 229p. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

PAIVA, Eduardo França. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através de testamentos.* São Paulo: Annablume, 1995.

_____. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789.* Belo

PRIORE, M. L. M. *História das mulheres no Brasil, da colônia aos nossos dias.* 1997.
_____. *Papéis ideais e papéis reais para a mulher no período colonial, na Sessão: As mulheres na historiografia brasileira.* 1992.

RAMOS, Donald. *A mulher e a família em Vila Rica do Ouro Preto: 1754-1838.* In: NADALIN, Sérgio Odilon & MARCÍLIO, Maria Luiza. (org.). *Congresso sobre a história*

da população da América Latina. São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de dados, 1990., 1989.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *A família no Brasil: história e historiografia. História em Revista, Giânia, v. 2, n.º 2, p. 7-21, jui./dez. 1997.*

_____. *Tendências atuais da história da família no Brasil.* In: *Pensando a família no Brasil. Da Colônia a Modernidade.* Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/TJFRRJ, 1987.

_____. *História da família no Brasil colonial.* São Paulo: Nova Fronteira, 1998 *Sistema de casamento no Brasil colonial.* São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp: 1984.usp, 1.984.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistemas de casamentos no Brasil colonial.* São Paulo: T.A. Queiroz EDUSP, 1984.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira do século XVIII.* Rio de Janeiro: Graal, 1982.

TEIXEIRA, Heloísa Maria. *Reprodução e famílias de Mariana: 1850-1888.* Dissertação

e Mestrado- São Paulo. USP.2002.

VASCONCELOS, Salomão. Vida social e política da Vila do Carmo. *Rev. Brás. de Pol. Internacional*, (20): 195-227, 1966.

VENÂNCIO Renato Pinto. Nos limites da sagrada família: Ilegitimidade e casamento no Brasil colonial. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.)- *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____*Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador - séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papyrus, 1999. 190 p.